

ESCRITA, LEGITIMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTORIOGRAFIA DO SERTÃO CENTRAL E SEUS INTELECTUAIS

Nathan Pereira Barbosa¹

UECE

npereirabarbosa@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo é uma apresentação da problemática do projeto de dissertação de mestrado apresentado e aprovado no Mestrado Acadêmico de História (MAHIS) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) no ano de 2012. Pretendemos fazer algumas considerações sobre uma classe muito específica de guardiões da memória bem comuns em todo o Brasil: Os memorialistas. Estes, apesar de serem sujeitos sem uma formação específica na área acadêmica de História, se caracterizam por possuírem acervos de documentos locais antigos como jornais, cartas, fotografias, discos, livros e outros objetos que contam a história de algum lugar, geralmente sua cidade, bairro ou vilarejo. Muitos deles não se limitam apenas a serem colecionadores de antiguidades, mas também se aventuram no universo da escrita, mais especificamente a escrita da história. É este tipo de memorialista que mais nos interessou nesta pesquisa. Nosso foco lança algumas questões sobre três obras produzidas no final do século XX por memorialistas das cidades de Quixadá, Quixeramobim e Senador Pompeu.

Palavras-chave: Memorialistas, Memória, História, Escrita.

Abstract

This article is a presentation of the problematic project dissertation submitted to and approved in Mestrado Acadêmico de História (MAHIS) by Universidade Estadual do Ceará (UECE) in 2012. We intend to make some considerations about a class of very specific memory keepers and common throughout Brazil: The “memorialistas”. These, although subjects without specific training in academic history, characterized by possessing document collections ancient sites such

¹ Mestrando em História Cultural pela Universidade Estadual do Ceará - UECE

as newspapers, letters, photographs, records, books and other objects that tell the story somewhere, usually your city neighborhood or village. Many of them are not only limited to be collectors of antiques, but also venture into the world of writing, more specifically the writing of history. And it is this kind of memoir that most interested us in this research. Our focus throws some questions about three works produced in the late twentieth century “memorialistas” by the cities of Quixadá Quixeramobim and Senador Pompeu (State of Ceará, Brazil).

Keywords: “Memorialistas”, Memory, History, Written.

I - Introdução

Quase toda cidade possui seus guardiões da memória, são sujeitos que se preocupam em pesquisar, preservar, difundir a memória e em produzir/registrar a história de suas comunidades. Nesta pesquisa pretendemos estudar uma classe muito específica desses guardiões da memória bem comuns em todo o Brasil: Os memorialistas. Estes, apesar de serem sujeitos sem uma formação específica na área acadêmica de História, se caracterizam por possuírem acervos de documentos locais antigos como jornais, cartas, fotografias, discos, livros e outros objetos que contam a história de algum lugar, geralmente sua cidade, bairro ou vilarejo. Muitos deles não se limitam apenas a serem colecionadores de antiguidades, mas também aventuram-se no universo da escrita, mais especificamente a escrita da história. E é este tipo de memorialista que mais nos interessa nesta pesquisa.

Mas antes de prosseguir, tendo em vista uma melhor exposição e compreensão do tema de nosso trabalho, faz-se necessário uma reflexão sobre como os memorialistas passaram a ser chamados de “memorialistas” para diferenciá-los dos historiadores profissionais. Vale lembrar que a História só veio a ser pensada (De forma muito tímida ainda) como ciência a partir da segunda metade do século XVIII com os Iluministas, vindo a consolidar-se futuramente de forma definitiva como saber científico universitário e matéria escolar obrigatória no início do século XIX. Naquele contexto, correntes como o Historicismo da Escola Histórica Alemã e o Positivismo na França contribuíram muito para o processo de consolidação do historiador profissional. A partir desse momento, passa-se a pensar e discutir o ofício propriamente dito do historiador e

seus métodos de trabalho/pesquisa que estavam em pleno processo de desenvolvimento. Foi uma época de vasta produção historiográfica, produção que veio a ser questionada de forma mais impactante no início do século XX pela geração de historiadores da Escola dos Annales. Mas o fato é que somente no século XIX pudemos ver definitivamente a figura de Historiador se profissionalizando. No entanto, essa profissionalização não impediu que pessoas simpáticas à disciplina produzissem obras ditas *de História*, tanto é que essa prática perdura até os dias atuais com os memorialistas.

Nesse sentido, sobre a prática da escrita da história por não especialistas, o historiador Durval Muniz afirma:

Como vai reconhecer Huizinga, à medida em que a própria cultura se complexificava, já não era mais possível se ter uma única forma prevalecente de se ver e praticar a história. Diz ele: “A ciência histórica é um processo de cultura, uma função universal, uma casa patriarcal com muitos moradores”. No entanto, reconhece que em cada época deve haver regras dominantes, um certo consenso entre os profissionais da história sobre que procedimentos eleger e que critérios levar em conta na hora de julgar e definir o que é um saber histórico válido, embora esta unidade relativa não impeça a existência de inúmeras variantes possíveis. Por ser uma disciplina que exige poucos conhecimentos especializados, a história seria um dos campos do saber onde era mais difícil diferenciar o especialista, o profissional, do dileitante e, portanto, onde a existência de instituições que zelassem pela observância deste consenso mínimo em torno das suas regras de produção se fazia mais premente, para que se deixasse de qualificar como historiador qualquer sábio que escrevesse sobre Luiz XV e suas mulheres.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010, p.69)

A citação acima é extensa, mas fundamental para nosso argumento, expressa a preocupação pelo zelo às “regras de produção” dos historiadores profissionais. Por ser a história uma “função universal”, como afirmou Huizinga, ela é facilmente “apropriada” e recontada por sujeitos que desconhecem os métodos científicos da academia, daí a preocupação e cautela ao analisar obras que dizem-se históricas. Dentre esses sujeitos não-profissionais encontram-se os memorialistas.

Hoje podemos afirmar que a produção destes indivíduos pode ser de muito proveito para os historiadores como alternativa de fonte de pesquisa, claro, quando usadas com o devido rigor metodológico. Atualmente, após toda a revolução metodológica da Escola dos Annales e seus herdeiros, esse diálogo é possível. Mas o historiador Durval Muniz afirma que em meados do século XIX, em meio a toda a discussão positivista sobre os rigorosos métodos do historiador profissional, aquelas obras escritas por historiadores não-profissionais eram tidas como produções de segunda classe:

Os novos eruditos passam a considerar uma forma inferior de se fazer história aquela realizada apenas por um aficionado, por um não profissional, por uma pessoa que não se dedicava integralmente à seu ofício, considerado laborioso e que exige uma dedicação de todo o seu tempo. Passa-se a desqualificar aquelas obras de história nascidas do “afã direto, espontâneo. Ingênuo de averiguar as coisas antigas dos tempos passados”, que caracterizava o aficionado da história local ou genealógica. Seu contato “devoto com as coisas mortas de ontem” não garante a descoberta da verdade e não permite a inteligibilidade daquele pequeno fragmento de passado que recorta, por não dispor do saber especializado e da erudição necessária para conseguir construir generalizações e fazer julgamentos e valorações que as atitudes humanas do passado deveriam merecer (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010, p.58 e 59)

Sendo assim, este trabalho pretende estudar a produção memorialística reconhecendo seu valor estabelecendo um diálogo e ao mesmo tempo reflexões e questionamentos sobre vida e obra de três memorialistas das três maiores cidades do Sertão Central cearense: Quixadá, Quixeramobim e Senador Pompeu.

II – O discurso memorialista: A história escrita por não-historiadores

Por que esses três municípios? Em meu trabalho monográfico ²defendido no curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central FECLESC/UECE, pesquisei a vida e a principal obra do memorialista quixadaense João Eudes Costa “Retalhos da História de Quixadá” (2002). Minha problemática era entender como numa cidade que forma e já formou tantos historiadores por ano por intermédio da FECLESC desde 1983, um memorialista se sobressaía como a maior referência no que diz respeito à história do município de Quixadá. E mais, abordei as questões metodológicas de João Eudes, problematizando como se construía a escrita memorialística. Agora nesta nova pesquisa, resolvemos ampliar nosso campo de visão/estudo não só pesquisando como esse processo se dá no município de Quixadá, mas também em outras duas cidades vizinhas: Quixeramobim e Senador Pompeu.

Perceberemos como se deu a construção da imagem de “historiador” desses sujeitos ao longo de suas vidas em suas respectivas cidades. Ao longo deste artigo, tentaremos discutir quais foram as estratégias e mecanismos imbricados nos discursos dos memorialistas para serem tão aceitos e levados ao patamar de História

² Monografia defendida em junho de 2012

Oficial das respectivas cidades. Problematizaremos a partir das obras e do status de figura pública e intelectual da história adquirido por esses sujeitos, a própria trajetória e história de vida de cada um, a fim de refletir sobre a importância dos discursos memorialistas, ditos históricos, na própria construção das identidades locais de cada cidade. Perceberemos como esses indivíduos e seus discursos se legitimam e em alguns casos como se mantêm legitimados. E por último, faremos uma reflexão sobre o ato de escrever história por parte dos não-especialistas. Assim, com o suporte teórico necessário, problematizaremos a escrita em si enquanto produto cultural que está inserido em um contexto e é influenciado por ele.

É importante frisar que esses sujeitos sentem a necessidade (Pelos mais variados motivos que queremos descobrir) de escreverem uma história do seu lugar. Podemos afirmar que essa necessidade de escrever também resulta da urgência de se ter algo escrito sobre a cidade ou vilarejo antes que tudo o que se conhece se perca no esquecimento ou se deturpe, já que a tradição oral pode com o passar dos anos tomar rumos muito diferentes. Não que a visão do memorialista seja pura, imparcial ou livre de distorções, mas a questão central é a necessidade do ato de escrever, registrar essas memórias e consequentemente deixar registrado seu ponto de vista dos fatos ocorridos no passado.

De certa forma, trata-se de uma tentativa de oficializar, cristalizar uma visão sobre o passado através da escrita, pois como diria o sociólogo francês Maurice Halbwachs: “As palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem” (HALBWACHS, 1950:80). Essa cristalização de determinada versão do passado também possui suas ligações e influências com o presente. Pois como sabemos, toda interpretação sobre o passado, seja ela feita em qualquer época histórica, sofre inevitavelmente intervenções do tempo presente em que foi escrita. Essas interpretações são influenciadas pelo contexto social, político, religioso e cultural tanto da parte de quem escreve sobre o passado, quanto da parte de quem lê, não importando se o escritor e o leitor sejam contemporâneos ou não. “O conhecimento é socialmente condicionado, bem como o ato de conhecer.” (MARTINS, 2009:63).

Não podemos deixar de mencionar, além disso, o caráter positivista de como muitos memorialistas trabalham a memória e a história local, seja no compromisso com a verdade, seja na dita neutralidade ao abordar os fatos, fortes marcas encontradas em textos memorialísticos. Todavia, é importante destacar que esta característica de escrita que aqui chamamos de positivista não é algo proposital do escritor memorialista no

sentido de como se este mesmo fosse um adepto ou até mesmo um profundo conhecedor da escola metódica-positivista e de todas as suas concepções, não. Este tipo de história dos grandes homens, dos grandes feitos da nação, da neutralidade e da verdade dos fatos, da excessiva valorização do documento escrito, foi a história a que muitos desses homens tiveram contato em suas vidas escolares durante os anos de sua juventude. Toda essa carga de conceitos e formas de enxergar a história trazidas desde os tempos de escola se reflete então na escrita: “Cada capítulo deste livro, o construí com muito carinho, imenso desvelo e enorme sacrifício, para que representasse a *verdade de épocas*, vividas por nossa Quixadá.” (COSTA, 2002: 8, grifo meu)

É importante lembrar que na escrita memorialística não existem regras ou procedimentos teórico-metodológicos oficiais que norteiem o escritor a uma abordagem mais rígida, como o fazem os historiadores acadêmicos. Por isso, cada memorialista possui uma relativa liberdade ao escrever, construindo da sua própria maneira e pelos seus próprios métodos e referências, um saber bem particular. Todas estas características evidenciam a maneira de como esses escritores enxergam a história.

Mas é interessante observar que em meio ao senso comum é muito forte, ainda, o sentimento de plena confiança no que escrevem os memorialistas, que em geral constroem toda uma imagem de si perante a sociedade. Tornam-se personalidades locais, pessoas respeitáveis, ou às vezes são pessoas bem ajustadas à ordem e ao poder dominante que se encarregam da memória local. Desta forma suas obras carregam um status de credibilidade, fazendo com que muitos fatos se cristalizem como verdades por terem sido descritos e interpretados sob a ótica desses memorialistas. São exemplos disso os memorialistas João Eudes Costa (1934) na cidade de Quixadá, Marum Simão (1934) na cidade de Quixeramobim e Valdecy Alves na cidade de Senador Pompeu. Curiosamente, Eudes e Marum nasceram no mesmo ano, fato que enriquecerá muito nosso trabalho tendo em vista o contexto em que viveram. Neste artigo, pretendemos através da história de vida de cada memorialista, ou seja, o “lugar social” de onde ele escreve/fala/discursa e está inserido, compreender e lançar algumas hipóteses de como as obras “Retalhos da História de Quixadá” (2002) de João Eudes Costa, “Quixeramobim: Recompondo a História” (1996) de Marum Simão e “Enciclopédia de Senador Pompeu (2001) tornaram-se referências em História Local em suas cidades e alcançaram tão grande prestígio interno em tão pouco tempo. Também pretendemos refletir sobre a escrita da história por não-profissionais, analisando cada obra e suas especificidades, visto que não se tratam de obras acadêmicas. Não se trata de comparar

os métodos individuais e independentes usados pelos memorialistas ao rigor metodológico dos historiadores, mas sim procurar problematizar a metodologia desses memorialistas a fim de melhor compreendermos seus discursos.

III - Quixadá, Quixeramobim e Senador: Histórias que se confundem

As histórias dos municípios de Senador Pompeu, Quixadá e Quixeramobim se confundem. Inicialmente porque até o dia 27 de outubro de 1870 essas duas últimas cidades citadas formavam um só território até que a Lei provincial nº 1.347 conferiu à então província pertencente ao território de Quixeramobim a condição de Município de Quixadá. Trata-se, portanto de dois municípios com fortes ligações no passado, passado que é contado e escrito de forma muito intensa por seus memorialistas. Também não se pode deixar de mencionar os áureos tempos em que o algodão era a maior força da região em fins do século XIX e metade do XX. Até hoje a existente e resistente estrada do algodão que ainda interliga os três municípios traz em si muitas memórias e nos faz lembrar de um tempo de extraordinária produção do ouro branco, tempos de forte interação econômica entre essas três cidades.

Os anos passaram e os avanços científicos e tecnológicos chegaram a ambas as cidades: Quixeramobim hoje se destaca como o mais importante polo industrial do Sertão Central cearense, Senador Pompeu vem alavancando cada vez mais sua economia com um intenso comércio de gado e aves. Quixadá por outro lado se sobressai por ser uma cidade universitária. As instituições de ensino superior de Quixadá atendem a uma demanda universitária que abrange cerca de dez municípios ³da região, dentre eles Quixeramobim e Senador Pompeu.

O curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) localizada no município de Quixadá forma semestralmente vários historiadores de diversas cidades da região desde 1983, ano em que o curso foi implantado na instituição. No entanto, percebemos que nas três principais cidades do Sertão Central, os que escrevem história de maneira não-profissional, ou seja, os memorialistas, se sobressaem como grandes intelectuais da história.

³ Dentre os municípios vizinhos atendidos pela FECLESC, estão Milhã, Banabuiú, Ibaretama, Itapiúna, Choró, Ibicuitinga, Ocara e Aracoiaba.

Dito isto, como entender então o fato de que em cidades como Quixadá, Quixeramobim e Senador Pompeu, que já formaram e continuam formando tantos historiadores na academia, as maiores referências em História Local sejam três memorialistas? Mais do que o aparente desinteresse dos especialistas e estudantes de história pela área e o desconhecimento resultante de um distanciamento do conhecimento histórico produzido na academia para com a comunidade, isso prova que o que João Eudes Costa, Marum Simão e Valdecy Alves escreveram teve ótima receptividade entre os leigos e até certo ponto, entre os historiadores.

Ora, admitindo que a concepção de identidade não é algo essencialista mas uma construção, uma invenção, perguntamos: Até que ponto essas obras contribuíram e forjaram certos aspectos da identidade do povo quixadaense, quixeramobiense e pompeuense? Até que ponto as características destas populações descritas em ambas as obras como hospitaleiras, alegres e ao mesmo tempo sofredoras são absorvidas e incorporadas ao coletivo como um sentimento de pertencimento? Será que tais obras influenciaram na maneira de como os quixadaenses, quixeramobienses e pompeuenses se enxergam enquanto coletivo?

IV – Conhecendo o “Lugar Social” dos memorialistas

Como dissemos anteriormente, um dos pontos de partida desta pesquisa foi a partir de uma análise do “lugar social” de onde João Eudes, Marum Simão e Valdecy Alves estão inseridos em suas respectivas cidades, tentarmos formular hipóteses sobre a legitimação de seus discursos. Por exemplo, vejamos primeiramente o caso do memorialista quixadaense: João Eudes Costa nasceu em Quixadá no dia 24 de junho de 1934. Filho de Francisco Segundo da Costa, um funcionário público municipal e de Maria Cavalcante Costa, primeira professora diplomada a chegar em Quixadá ainda em 1923, todos eram membros de uma família muito influente no município: Os Papaemas tradicional família da época das grandes fazendas quixadaenses do final do século XIX. Em sua vida teve diversas profissões: Já foi seminarista, cobrador de luz, jogador de futebol profissional, vendedor de jogo do bicho, radialista, correspondente dos jornais O Povo, Correio do Ceará, Unitário, O Nordeste, Diário do Povo, Diário do Norte, Gazeta de Notícia e O Monólito. Por fim, sua última profissão foi como bancário do Banco do

Brasil, posto que exerceu durante trinta anos (1953-1983). Escreveu crônicas para rádios e jornais, o que ajudou a consolidar sua reputação como escritor, também foi amigo de Rachel de Queiroz e sempre frequentava a fazenda Não Me Deixes quando a escritora estava de passagem por Quixadá. Consequentemente, conheceu o círculo de amizades da escritora, onde pôde compartilhar seus textos e ler outros. Por tudo que já fez, João Eudes se tornou muito conhecido na cidade antes mesmo de lançar seu livro “Retalhos da História de Quixadá” (2002) e sempre foi presença garantida em eventos promovidos pela prefeitura e outras instituições como CDL e Câmara Municipal. Ora, com sua imagem de cronista e intelectual da história já estabelecida na cidade, não foi difícil para João Eudes encontrar um grande público leitor para o livro que lançou em 2002. Outro fator primordial para a rápida aceitação e disseminação do livro foi o fato de o próprio João Eudes na condição de funcionário aposentado do Banco do Brasil, ter financiado toda a tiragem, cerca de 400 exemplares. Assim, o título de “historiador” é frequentemente atribuído ao memorialista, que inegavelmente alcançou grande prestígio na cidade. Está frequentemente fazendo palestras em escolas, dando entrevistas nos veículos de comunicação eletrônicos e escritos, onde também contribui escrevendo textos sobre aspectos históricos de Quixadá.

Em Quixeramobim, o exemplo do memorialista Marum Simão se assemelha muito ao de João Eudes Costa embora ambos tenham suas especificidades. Marum Simão nasceu em Quixeramobim no dia 18 de maio e 1934, filho de José Simão Abu-Murrul e Maria Alice Simão. Após terminar os estudos escolares, Marum ingressa na Universidade Estadual do Ceará, onde conclui o curso de Pedagogia com Habilitação em Administração Escolar. Em 1987 cursa uma pós-graduação em Tecnologia Educacional para o Ensino Superior na Faculdade de Filosofia de Fortaleza. De volta à Quixeramobim nos anos 90 torna-se professor nos Colégios: Ginásio e Escola Normal Dom Quintino e Colégio Estadual Dr. Andrade Furtado. Em Fortaleza, lecionou nas Escolas: Colégio Batista Santos Dumont, Instituto Santos Dumont, Instituto Educacional João XXIII e Colégio Dorotéias. Na área administrativa da Educação, foi Vice-Diretor e Diretor no Colégio Estadual Dr. Andrade Furtado (Quixeramobim), Delegado Regional de Educação – 9º DERE (Quixadá), Diretor da Divisão de Ensino Fundamental da Secretaria de Educação do Estado (Fortaleza), Diretor da Divisão de Ensino da 1º DERE (Fortaleza), Coordenador e Supervisor do Curso Pedagógico do Centro Experimental de Pedagogia do Colégio Batista Santos Dumont (Fortaleza),

Coordenador Adjunto da Fundação EDUCAR (Fortaleza), Diretor do Departamento de Apoio Administrativo da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto (Maranguape).

Seu reconhecimento em Quixeramobim como grande intelectual é visível. Tanto que em 1999 Marum Simão recebe a mais honrosa homenagem oficial que um cidadão de Quixeramobim pode receber: A Medalha “Antônio Conselheiro”, outorgada pela Câmara Municipal de Quixeraobim. Como escritor, publicou dois livros com teor histórico: “Quixeramobim: Recompondo a História” (1996) e “Quixeramobim para as Escolas” (2009). Esta última obra foi adotada pela Secretaria de Educação de Quixeramobim como livro obrigatório para o ensino de História Local nas escolas públicas de ensino fundamental. Assim como João Eudes Costa, Marum Simão é conhecido em toda a cidade como “historiador”, continua a dar palestras em escolas e está constantemente na mídia de Quixeramobim contribuindo com textos e entrevistas.

Em Senador Pompeu temos o exemplo de Valdecy Alves. Nascido em 02 de dezembro de 1962, Valdecy mudou-se para a capital Fortaleza em 1981, de lá seguiu para o estado de São Paulo, onde morou em Itapemirim durante sete anos, quando ingressou na Faculdade de Direito de Sorocaba em 1987. De volta à Fortaleza em 1995, escreve seus primeiros livros de poesia, foram sete no total, sempre tomando por base a história das secas no interior do Ceará e a questão dos campos de concentração de Senador Pompeu. Em 2000 lança de forma independente seu livro de maior impacto: Enciclopédia de Senador Pompeu. Além de advogado, Valdecy também é poeta, cineasta e dramaturgo, seus documentários e peças teatrais trazem sempre o tema da seca no Ceará e a religiosidade popular. Sua vida também é marcada pela militância nos sindicatos dos servidores públicos municipais e federais. Foi membro da Comissão de Direitos Humanos da OAB Ceará por 08 anos. Exerceu a advocacia no município de Senador Pompeu durante oito anos, também exerceu a advocacia no município de Senador Pompeu paralelamente a suas atividades em Fortaleza. Valdecy possui um vastíssimo acervo pessoal de documentos oficiais e entrevistas com parentes das vítimas dos campos de concentração que funcionavam em Senador Pompeu na época da grande seca de 32, parte desse acervo serviu como base para seu livro mais conhecido: Enciclopédia de Senador Pompeu. Por todo o vasto currículo que possui, sua forte atuação na área do direito e no movimento sindical, além de suas aptidões e obras no campo da poesia, cinema e dramaturgia, Valdecy Alves hoje é reconhecido como um grande intelectual pompeuense. Assim como acontece com João Eudes Costa e Marum Simão, não é difícil encontrar reportagens que o classificam como “historiador”.

E assim temos esses três memorialistas nascidos no mesmo ano em terras sertanejas tão parecidas, mas ao mesmo tempo tão singulares. Traçamos aqui um brevíssimo e resumido histórico do que seria o “lugar social” (BOURDIEU, 2005) desses sujeitos. A escrita memorialística é muito rica e cheia de possibilidades de pesquisa. Assim, um último ponto a ser considerado é que a pesquisa que estamos desenvolvendo dará notoriedade e problematizará a historiografia quixadaense, quixeramobiense e pompeuense produzida fora da academia por não-profissionais, historiografia que inegavelmente é a mais lida e a mais acessível ao público leigo. Por isso mesmo nosso trabalho também pretende investigar e refletir sobre até que ponto essas obras tem contribuído na formação/perpetuação/construção de uma identidade quixadaense, quixeramobiense e pompeuense.

V – Teoria e Memorialistas

Levando em consideração que esta pesquisa traz a questão dos memorialistas e seus escritos, introduzimos a princípio o conceito de memória, que deverá nos servir de baliza para levantarmos outras questões a partir de outros conceitos. Para tanto, recorreremos à conceituação que nos pareceu mais clara, simples e que principalmente dialoga perfeitamente com nossa problemática. Tomamos por empresto o conceito de memória assim definido pelo historiador Henry Rousso:

A memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado. (...) é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é, por definição, ‘coletiva’. (...) é um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros. (ROUSSO, 1998, p. 94)

Outra referência que trabalharemos ainda no conceito de Memória será em Michel Pollack e em Maurice Halbwachs (Memória Coletiva), por entendermos que a memória também é um fenômeno construído e influenciado coletivamente. O conceito de Identidade também será levado em consideração tendo em vista que na problemática desta pesquisa, o mesmo torna-se indissociável e atrelado ao conceito de memória. Isso porque ao tratarmos da memória e escrita de um indivíduo sobre determinado grupo no passado, sendo que este indivíduo também pertence a esse grupo, esbarraremos

inevitavelmente nas tentativas de construção de características, marcas, maneiras de ser que proporcionam sentimentos de pertencimento. As reflexões do sociólogo Antônio Cândido sobre a escrita também foram essenciais para nosso trabalho, pois o autor traça todo um histórico da escrita no Brasil, bem como o surgimento dos escritores profissionais. Cândido afirma que as obras tanto de profissionais como de não-profissionais incorporaram-se ao civismo da Independência, constituindo assim uma cadeia de sentimentos cívicos, de identidades (CÂNDIDO, 2006). Tendo essa perspectiva em mente, Pollack assim define o que é memória e quais suas implicações com o conceito de identidade: (Grifo nosso)

Podemos, portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela também é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLACK 1992, p. 204).

Entendemos a memória também como campo de disputa, no sentido de algo a ser solidificado, construído e cristalizado como oficial. É aí que se percebe o esforço de alguns indivíduos em construir um discurso mais concreto sobre a memória de seu grupo, proporcionando assim uma estruturação coerente da identidade local e possibilitando sua perpetuação ao longo dos anos. Em nosso contexto, esse esforço de perpetuação da memória parte de historiadores e memorialistas por meio da escrita da história. Todavia, nem todos os indivíduos encontram-se no mesmo patamar social, alguns se encontram encaixados em espaços/posições/condições/ lugares privilegiados de fala, em que seu discurso e visão de mundo detêm maior poder de legitimação. Este poder de legitimação é proporcional ao seu “capital simbólico”, conceito que trabalharemos na pesquisa e que Pierre Bourdieu assim definiu como “o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento.” (BOURDIEU, 2004 e 2005: 54). Buscaremos entender portanto, mais desse “capital simbólico” dos memorialistas, que os fazem serem tão populares em suas cidades mesmo com tantos historiadores saindo da academia.

Outro conceito que será trabalhado para nortear nossa pesquisa e que está diretamente atrelado à noção de “capital simbólico” será o de “operação historiográfica”, cunhado por Michel de Certeau, mais especificamente o primeiro subponto desse conceito, o de “lugar social”. Esta formulação será de grande valia para nossa pesquisa, pois, como já frisamos, a escrita é um produto histórico-social, portanto, a análise do “Lugar Social” de onde os memorialistas João Eudes Costa e Marum Simão

escrevem é de fundamental importância para tentarmos compreender como o discurso desses escritores se legitimou e ganhou caráter de *História Oficial* nas cidades de Quixadá e Quixeramobim.

Dialogando com o “lugar local” de Certau, Antônio Cândido nos serve de argumento quando afirma: “A produção da obra literária deve ser inicialmente encarada com referência à posição social do escritor e à formação do público” (CANDIDO, 2006: 83). Portanto, deve-se desnaturalizar o ato da escrita, pois

Frequentemente tendemos a considerar a obra como algo incondicionado, que existe em si e por si, agindo sobre nós graças a uma força própria que dispensa explicações. Esta idéia elementar repousa na hipótese de uma virtude criadora do escritor, misteriosamente pessoal. (CANDIDO, 2006:)

No meio histórico-acadêmico dos dias atuais, discute-se mais a problemática de como a História é escrita, construída e inventada a partir de quê, porquê e para quê/quem, do que propriamente se ela teria algo de verdadeiro a nos apresentar sobre tempos passados. Portanto, por compreendermos que a escrita enquanto prática social é um produto cultural que leva as características de quem o produz num determinado contexto, acreditamos que a perspectiva da Cultura Escrita permiti-nos uma aproximação e compreensão não apenas do que um escritor /autor quis dizer ou disse, como também compreender quais as condições sociais e culturais possibilitaram e influenciaram a sua escrita. E mais, quais as relações entre seus escritos e o meio social em que atuava. Pois como afirma Sandra Pesavento:

Em se tratando da escrita/produção, o historiador lança as perguntas sobre quem fala e de onde fala, ao enfocar o texto propriamente dito, o que se fala e como se faça e na análise da recepção, a questão jogada pelo historiador será discutir para quem se fala. (PESAVENTO, 2005: 90)

Para melhor problematizarmos a questão da escrita dos memorialistas João Eudes Costa e Marum Simão enquanto discurso que se legitima nas cidades de Quixadá, Quixeramobim e Senador Pompeu, recorreremos também aos direcionamentos metodológicos sugeridos pelo historiador José D’Assunção Barros que dialogam com os conceitos abordados anteriormente. No que tange ao tratamento de fontes escritas, tendo o discurso como objeto de pesquisa, faremos uma cautelosa releitura das obras tentando articular duas concepções, duas formas de encarar os discursos escritos objetos de nossa pesquisa: Primeiramente avaliaremos os textos como “Objeto de significação”, o que implica uma “análise interna ou estrutural do texto, que pode ser empreendida por aportes teóricos e metodológicos diferentes, sendo a semiótica uma destas possibilidades” (BARROS, José D’Assunção, 2008, pg. 136). Numa segunda análise,

faremos a análise externa do texto, ou seja, levaremos em consideração e aplicaremos às leituras dos textos o conceito de “Objeto de comunicação”. Trata-se de uma análise do contexto “histórico-social” que envolve a produção e que de certa forma “atribui-lhe sentido”. (BARROS, 2008, pg. 136).

Nossas principais fontes para a realização deste trabalho estão sendo os livros: “Retalhos da História de Quixadá” de autoria do memorialista João Eudes Costa, “Quixeramobim: Recompondo a História” escrito por Marum Simão, e “Enciclopédia de Senador Pompeu” escrito por Valdecy Alves. Optamos também em nos valer de fontes orais a fim enriquecerem ainda mais nosso trabalho, isso porque as entrevistas seriam realizadas com os próprios memorialistas, que por sinal se encontram todos vivos apesar de já um pouco avançados em idade. Vale ressaltar que para podermos ter uma maior incisão nos objetos em questão, precisamos entender e nos debruçar sobre o “lugar social” de onde esses memorialistas falam. Neste sentido, as entrevistas realizadas individualmente com cada um deles nos possibilitarão uma riquíssima oportunidade de conhecermos mais a fundo a história de vida de cada um, e assim termos mais elementos narrativos à nossa disposição para o desenvolvimento da pesquisa em torno da problemática proposta.

No que concerne aos documentos/fontes escritas, nossa abordagem metodológica está pautada na interpretação das mesmas, tendo como arcabouço todo o referencial teórico preliminar aqui citado. Pretendemos também adensar nossa análise nas características narrativas, metodológicas e teóricas implícitas nas obras de João Eudes Costa, Marum Simão e Valdecy Alves.

Bibliografia

- ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Da História Detalhe à História Problema:** O erudito e o intelectual na elaboração e no ensino do saber histórico. Revista Esboços, Florianópolis, 2010.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da História** – Especialidades e Abordagens. Petrópolis: Editora Vozes, 5^o.ed., 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva. 6^a.ed., 2005.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- COSTA, João Eudes. **Retalhos da História de Quixadá**. Rio, São Paulo, Fortaleza: ABC Editora, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.
- MARTINS, Estevão C. de Rezende. **Historiografia:** O sentido da escrita e a escrita do sentido. In: Dossiê: História & Perspectivas – 20 anos. Desafios da História e da Historiografia. Uberlândia, jan. jun.2009.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2^a Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. In: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>
- ROUSSO, H. "A Memória não é mais o que era" IN: FERREIRA, M. M. e AMADO, J.(org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1998.
- SIMÃO, Marum. Quixeramobim: Recompondo a História. Fortaleza: Multigraf Editora Ltda, 1996.

